

RELATOS DE CHEGADA: IMIGRANTES JAPONESES EM CAMPO GRANDE

NÁDIA FUJIKO LUNA KUBOTA*

Resumo: Este artigo propõe uma breve revisão histórica da imigração japonesa para o Brasil, bem como secundariamente, a ida desses imigrantes nipônicos para Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, que possui a terceira maior colônia *nikkei* do país. Os japoneses chegaram ao Brasil em 18 de junho de 1908. A partir de 1909 dirigiram-se para Campo Grande a fim de trabalhar na construção da Estrada de Ferro Noroeste. Boa parte desse grupo ainda não falava português, mas todos tinham algo em comum: o desejo de retorno ao país de origem. Esse sonho, porém, acaba ficando para trás, enquanto novas famílias e vidas iam sendo constituídas em solo brasileiro. Desse modo, além da revisão histórica, dedico espaço aos relatos dos imigrantes, que narram suas histórias sobre a chegada ao Brasil e à Campo Grande, e o desejo do retorno.

Palavras-chave: Imigração Japonesa, Campo Grande, Relatos de Imigrantes.

1. A CHEGADA AO BRASIL

A imigração japonesa iniciou-se após a reforma da Era *Meiji*¹, quando de acordo com Woortmann (1995, p. 02), a crise decorrente da modernização econômica desse período gera significativos movimentos migratórios internos no Japão e posteriormente altas taxas de emigração para outros países e continentes, devido a um rápido crescimento populacional com declínio da mortalidade, consequência de melhores condições

de saúde, bem como da proibição do aborto, gerando um significativo excedente demográfico, incompatível com as suas dimensões territoriais e tecnologia produtiva. Os trabalhadores japoneses dirigiram-se então às ilhas do Havaí. Em seguida as correntes migratórias seguiram para o oeste dos Estados Unidos², Peru, Canadá e mais tarde para o Brasil. Esses japoneses atuaram nos Estados Unidos como trabalhadores da frente pioneira, no Peru e Canadá exerceram a função de operários das indústrias pesqueiras e madeireiras e finalmente no Brasil trabalharam como colonos nas fazendas de café (SAITO, H. 1973, p. 18).

Assim, os primeiros imigrantes japoneses chegaram ao Brasil em 18 de junho de 1908, no porto de Santos, Estado de São Paulo, transportados

¹ Período que vai de 1868 à 1912. Com a queda do *shogunato Tokugawa* e a restauração do poder imperial, faz-se uma ampla reforma. A ocidentalização do Japão ocorre a olhos vistos, tal como a adoção do calendário ocidental. A guerra sino-japonesa e a russo-japonesa implantam patriotismo no povo, reforçando o militarismo. O país passa da economia agrícola para industrial (Disponível em: < http://www.nippobrasil.com.br/2.historia_jp/250.shtml > Acesso em: 10 ago. 2005).

² Segundo Sakurai (1995, p. 131) a vinda de imigrantes japoneses para o Brasil aumenta consideravelmente quando os Estados Unidos proíbem a entrada de imigrantes oriundos do Japão em seu território em 1924, estabelecendo o *Quota Immigration Act*.

pelo navio *Kasato-Maru* (HANDA, T. 1987, p. 04). Essa imigração iniciou-se por uma convergência de interesses da lavoura cafeeira paulista e das companhias de emigração nipônicas (LEÃO, 1990, p. 13).

Segundo jornais da época, ao desembarcarem causaram muito espanto aos brasileiros que viam os japoneses pela primeira vez e não sabiam o que esperar do povo oriental. Diferentemente dos imigrantes vindos do sul da Europa, que desembarcaram sujos e cansados, os nipônicos chegaram demonstrando extremo asseio, já que suas roupas estavam impecáveis e muitos dos homens traziam penduradas em seus casacos suas condecorações recebidas após as guerras em que participaram (HANDA, T. 1987 p. 04-05).

No período de 1908 a 1925, o Governo do Estado de São Paulo subsidiou através de empresas de imigração parte da passagem marítima junto com os fazendeiros empregadores, que cobravam essa dívida dos japoneses com a prática do desconto do salário (SAITO, 1961, p. 29-33).

Essa ajuda do Governo do estado de São Paulo é cancelada, devido à difícil fixação dos orientais nas fazendas de café, que se transferiram com frequência para outras áreas cafeeiras em razão das condições de trabalho impostas pelos fazendeiros. Segundo Handa (1987, p. 55) “do total de 772 japoneses ‘distribuídos a fazendas’, 430 haviam-se retirado depois de seis meses”. Essa suspensão da imigração japonesa para o Brasil pelo governo paulista é temporária, e em 1916 a “*Brasil Imim Kumiai*”³ pleiteia nova concessão e obtém êxito.

De acordo com Hiroshi Saito (1961, p. 31), essa nova concessão previa um prazo de quatro a cinco anos a partir de 1917 para seu término. Ao fim desse período, o Governo de São Paulo mostrou-se indeciso quanto à renovação, pois com o fim da I Guerra, havia grande número de colonos europeus para suprir a falta de trabalhadores nas fazendas cafeeiras.

Neste momento uma outra empresa denominada *Kaigai Kogyo* insiste em promover um entendimento junto ao órgão governamental brasileiro para conseguir cotas de imigração subsidiada. Então, em 1920 e 1921, 3.600 imigrantes japoneses chegaram ao Brasil, porém a partir dessa data houve a recusa de mais concessões.

A vinda dos primeiros imigrantes em 1908 para o Brasil, segundo Saito (1961, p. 25), era no início temporária, com plano de retorno, seguindo a fórmula “sucesso rápido e volta ao seu país de origem”.

A idéia desses japoneses ao se dirigirem para o Brasil era, portanto, a de acumular certa quantidade de riqueza, que possibilitasse à família imigrante o seu retorno ao país de origem para então lá começarem uma nova vida.

Handa (1987, p. 56-60) classifica então a imigração japonesa no período que vai de 1908 a 1925, como “a história do fracasso de imigração japonesa nas fazendas de café”, já que os colonos orientais permaneciam pouquíssimo tempo nas fazendas, retirando-se desses locais em questão de meses.

Para Handa (1987, p. 57-59) a explicação para esse fenômeno está no fato de que entre os colonos japoneses, apenas um número muito reduzido era de verdadeiros lavradores; o de não ter sido boa a composição da família, pois o governo brasileiro só aceitava grupos familiares como imigrantes, o que ocasionou a adoção da prática de “família composta”⁴, em que a estruturação dessas famílias atendia às exigências impostas como condição para imigração. A prática de família composta consistia em incorporar no rol dos membros da família as pessoas estranhas⁵, por meio de adoção e de outros aparatos baseados no código civil (SAITO, 1961, p. 62).

Dessa forma, portanto, os casamentos atendiam às exigências feitas aos imigrantes, em que se reuniam em torno do casal parentes de ambos os lados, podendo o grupo ser composto em geral, por até dez membros (ENNES, 2001, p. 53). Embora o casamento arranjado tenha criado algumas dificuldades para a família imigrante, essa prática não era uma novidade entre as tradições japonesas (HANDA, 1980, p. 43 In: ENNES, 2001, p. 53-54).

⁴ Handa explica que os arranjos de família foram feitos sem muito cuidado. Segundo o autor, “esta também é uma das características dos imigrantes ‘saídos em busca de fortuna’ com o fito único de receber salários. Gente das mais diferentes ambições juntou-se em uma aparente família, procurando cada um suportar tudo até a chegada à terra de destino. Sucede que, postos a enfrentar a realidade da fazenda, muitos dos seus componentes tomaram desordenadamente as mais diferentes direções. É que se tratava de um conjunto familiar sem alguém responsável. Muitos evadiram-se à noite”.

⁵ Esses estranhos eram pessoas aparentadas ou alheias que até então não pertenciam à família.

³ Sociedade de Emigração para o Brasil (SAITO, H. 1961, p. 31)

Esse uso de famílias arranjadas foi comum no período da primeira leva de imigrantes⁶, porém a partir de 1926 essa prática, apesar de ainda persistir em alguns casos, foi diminuindo consideravelmente com o decorrer do tempo. No período de 1926 até o pós-guerra, persiste apenas a prática de inclusão de pessoas aparentadas, em geral irmãos e sobrinhos do casal (SAITO, 1961, p. 71).

Conforme classifica Saito (1961, p. 34), o segundo período de imigração japonesa ocorre entre os anos de 1926 e 1941. Neste momento a vinda dos japoneses para o Brasil foi promovida e subsidiada pelo governo nipônico. Esta medida tomada pelo governo japonês de subsidiar totalmente a viagem de imigrantes para o Brasil teve o intuito não apenas de considerar o país como destino dos trabalhadores, mas também o de encontrar aqui um mercado de investimentos.

Para Hiroshi Saito (1961, p. 35) “superada a fase de prosperidade, mais ou menos efêmera, que se seguiu a I Guerra Mundial, o capital e o trabalho iam-se desvalorizando no mercado interno e o capital japonês deveria buscar mercados de investimento fora do país”.

Em 1927, uma organização denominada *Tozan Kogyo*, subordinada à *Mitsubishi* adquiriu terras de criação e café e ainda estendeu suas atividades aos setores de finanças e comércio exterior. Outras regiões também receberam investimentos do capital japonês, como a Amazônia e o Estado do Pará.

Ainda no ano de 1927, foram criadas no Japão, através de uma lei, as associações ultramarinas e o seu órgão centralizador, a Federação Ultramarina que se localizava em Tóquio. Em seguida foi fundado na cidade de São Paulo um órgão representativo daquela instituição, chamado de Sociedade Colonizadora do Brasil, abreviada por Bratac. A função dessa entidade era a de recrutar e encaminhar os imigrantes de colonização agrícola. Em 1928 a Bratac adquire glebas de terra nos Estados de São Paulo e Paraná, com o objetivo de fundar núcleos agrícolas para ali introduzir os colonos proprietários.

Os anos de 1928 a 1934 correspondem, portanto, ao ápice da imigração nipônica para o Brasil. O governo japonês promove dessa forma, a imigração acompanhada de apoio financeiro.

O segundo período, portanto, caracterizou-se pelo encaminhamento de imigrantes proprietários

e por investimentos de capital. Nesse momento, entretanto, é apresentado à Assembléia Constituinte o projeto de regime de cotas, segundo o qual, “a entrada anual de imigrantes estrangeiros não poderia exceder dos 2% do total da respectiva nacionalidade entrando durante os últimos 50 anos. O projeto não faz, aparentemente, nenhuma discriminação; no entanto, era sabido que visava em especial ao grupo nipônico, cuja história de corrente migratória era das mais recentes” (SAITO, 1961, p. 37).

2. DIRIGINDO-SE À CAMPO GRANDE

A imigração japonesa em Mato Grosso do Sul nos anos iniciais, se dá de forma secundária⁷, pois esses nipônicos haviam chegado ao Brasil na primeira leva de imigrantes do Japão em direção ao interior do Estado de São Paulo. Encaminharam-se, portanto, a Campo Grande no ano de 1909 a fim de trabalharem na construção da Estrada de Ferro Noroeste, pois a remuneração era muito mais recompensadora que o trabalho nas fazendas. No total foram 75 imigrantes naquele primeiro ano⁸. Houve também a chegada de imigrantes de *Okinawa* que inicialmente foram do Japão para o Peru. Estes se fixaram definitivamente em Campo Grande.

Segundo Handa (1987, p. 396), por volta do ano de 1920 havia cerca de 50 famílias japonesas em Campo Grande, sendo que 49 eram originárias de *Okinawa* e apenas uma procedente de outra província do Japão⁹. Já em 1958, ano do cinquentenário da imigração japonesa, o número atingia 600 famílias, aumentando para 25% a porcentagem dos imigrantes de outras províncias japonesas. Porém, essa situação não altera o perfil de Campo Grande como um local de grande concentração dos imigrantes de *Okinawa* sem, no entanto, tirar o mérito dos não-okinawanos¹⁰ no seu desenvolvimento.

Um dos fatores de estabelecimento dos okinawanos em Campo Grande teria sido a facilidade com que formaram um grupo estreitamente ligado, composto por pessoas vindas

⁷ Posteriormente, já no segundo momento da imigração japonesa, esses orientais dirigem-se diretamente para o então Estado de Mato Grosso.

⁸ Esse grupo era constituído basicamente de *okinawanos*.

⁹ Não há informações sobre o local de origem dessa família.

¹⁰ Imigrantes originários do maior arquipélago do Japão, formado pelas ilhas *Hokkaido*, *Honshu*, *Shikoku* e *Kyushu* (Ver mapa do Japão em Anexos). Há o preconceito das pessoas desses locais que não consideram os originários de *Okinawa* como japoneses.

⁶ Como dito anteriormente, a primeira fase da Imigração Japonesa para o Brasil compreende os anos entre 1908 e 1925.

praticamente da mesma província. Esse agrupamento gerou a fixação do grupo no local, mas também contribuiu para que houvesse o isolamento dos mesmos.

Atualmente são cerca de 5000¹¹ famílias de descendência japonesa em Campo Grande. Aproximadamente 2500 pertencentes ao Clube Nipo, porém, existem ainda família nipônicas participantes de outras associações, e as que não são sócias de nenhum desses clubes. Os mais conhecidos são A Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira de Campo Grande (AECNB - conhecida popularmente como Clube Nipo ou Cruzeiro) e o Clube *Okinawa*¹². Segundo funcionários da AECNB, ambos foram fundados por japoneses oriundos da região de *Okinawa*¹³, localizada ao sul do Japão. O Clube Nipo teve sua primeira versão fundada em 1920, como nome de Associação Nipo – *Nihon-jin-kai*. Somente em 1964, o clube muda sua nomenclatura para Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira¹⁴, contemplando assim, a população que os recebera durante as décadas anteriores. Com o passar dos anos, imigrantes de outras partes do Japão se associam ao Clube Nipo-Brasileiro, enquanto que no Clube *Okinawa*, persiste a descendência de pessoas vindas daquela província. Como Campo Grande recebeu a maioria dos imigrantes da região de *Okinawa*, até os dias atuais, cerca de 60% a 70% dos associados do Clube Nipo ainda são daquela região, porém, com aproximadamente de 30% a 40% de japoneses vindos de outras partes do país.

A Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira de Campo Grande realiza anualmente em Campo Grande – MS, em seu clube duas festas tradicionais japonesas conhecidas como *Undokai*¹⁵ e *Bon Odori*. Esta última acontece normalmente entre

os meses de julho e agosto¹⁶ aproximando os japoneses e seus descendentes que vivem em Campo Grande aos seus ancestrais, que são, neste caso, os maiores homenageados.

3. RELATOS DE IMIGRANTES

3.1 A CHEGADA À CIDADE MORENA

“Saí de lá em 1959. Quando eu vim aqui tinha 16 anos. Vim com meu pai, família, né. Ai vim imigrante do governo do Japão. Era propaganda, assim que quando vai ao Brasil, Brasil é lugar de ouro, lugar de bastante fruta, ganha terra, vai ser fazendeiro, tinha aquele sonbo. Ai quando sai de lá, assim, todo mundo, parte de guerra, tinha mesmo sonbo”.

Memórias de uma imigrante japonesa em Campo Grande.

As histórias dos imigrantes japoneses em Campo Grande são muito parecidas. Os sonhos eram sempre os mesmos: dirigir-se a um lugar onde fosse possível prosperar economicamente, e assim, fugir das péssimas condições em que se encontrava o Japão no período que se seguiu após a II Grande Guerra.

No Japão, as imagens passadas àquela população sobre o Brasil, eram de um país afortunado, onde rapidamente seria possível progredir e acumular bens e certa quantia em dinheiro. Surgiu então o desejo de conquistar uma vida melhor, com certo poder aquisitivo e, conseqüentemente, de regressar ao país natal, quando finalmente poderiam viver com mais tranquilidade. Dessa forma, milhares foram os imigrantes japoneses que entraram no Brasil, porém, o desejo de retorno raríssimas vezes foi possível, fazendo com que esse grupo aqui se estabelecesse e criasse futuros laços.

Grande parte dos imigrantes em Campo Grande chegou à cidade secundariamente, visto que sua direção inicial era o interior do Estado de São Paulo. Outros poucos, após aportarem em Santos, dirigiram-se para Cuiabá, capital do Estado do Mato Grosso.

Para explicitar a história da vinda desses imigrantes para o Brasil, destinarei esse trecho do trabalho, essencialmente às falas nativas, as narrações das entrevistadas – e entrevistados – sobre

¹¹ Não há precisão quanto ao número de descendentes de japoneses na cidade, visto que não há um senso para contabilizar essa população.

¹² Há uma terceira associação, denominada Associação Esportiva de Beisebol, e a Academia *Gushiken* de Cultura *Okinawa*, que não é caracterizada como clube, pois possui um dono, ou seja, a diretoria é estática.

¹³ Devido à falta de documentação, não é possível saber com certeza se o Clube Nipo foi mesmo fundado por okinawanos, pois apesar dessa ser a informação divulgada por alguns dos sócios, há no imaginário campo-grandense, a idéia de que neste clube estão os japoneses e descendentes vindos de outras partes do Japão, com exceção de *Okinawa*. Essa incerteza pode ser notada na fala de uma das entrevistadas (funcionária do clube) que vê de forma negativa a participação dos jovens sócios do Clube Nipo em freqüentar as aulas de *taiko* do Clube *Okinawa*, pois “o *taiko* é de *Okinawa*, e eles (os jovens) não são de lá”.

¹⁴ Devido às várias re-inaugurações, a última fundação da AECNB data de 30 de julho de 1972.

¹⁵ O *Undokai* caracteriza-se como uma gincana familiar.

¹⁶ Devido à anexação da festividade no calendário turístico da cidade, há alguns anos a festa ocorre sempre no mês de agosto, servindo como parte das comemorações do aniversário do Estado (26 de agosto).

como foi à chegada a este país, e posteriormente, à Campo Grande e outros locais do Brasil, bem como à fala dessas pessoas sobre os diversos trabalhos exercidos em suas vidas quando aqui chegaram.

A história de H. S. demonstra como foi chegar ao Brasil e, posteriormente, mudar-se para Campo Grande:

“Minha mãe tinha 40 anos, meu pai tinha 82 anos quando veio para o Brasil. Eu tinha um ano e meio. Eu tinha irmãs, tinha quatro irmãos e irmãs. Duas irmãs, dois irmãos. Minha mãe veio para o Brasil em 1930. Então foi pra fazenda. Você sabe fazenda, né. Em São Paulo, Bebedouro. Porque fazenda contrata com governo Brasil, né. Ai também no Brasil, contrata com Governo Japão né. Ai Governo Japão: quem quer ir ao Brasil? Ai meu pai quer ir, ai contrata, navio de graça. Governo brasileiro paga. Ai fazendeiro depois, fala pra Governo né, mas nós, meu pai veio no Brasil, mas não ganha. Tem que pagar esse dinheiro com dois anos. Trabalhar sem receber. Sem receber dois anos, obrigação. Chegou ao Brasil, meu pai e minha mãe, comida que não dava certo, mas foi difícil, mas foi indo, foi indo. Ai chegou ao Brasil, um ano, dois anos depois, ele foi pra fazenda que ficava perto do rio, Bate-Palmas. E ai tinha tanta maleita, tanta maleita, tinha trinta e três famílias. Brasileiras, japonesas, trinta e três famílias, todo mundo ficou maleita, malária. Cada família morreu um, dois. Em casa morreu uma pessoa. Morreu com malária. Toda família perdia, morria. Ai eu também quase morri, sabe. Meu pai falava: ‘ah, essa ai já é caçula né, o que eu pode fazer, que vai, vai’. Mas graças a Deus eu tive sorte. Estava perigoso morrer toda família, ai mudou pra outros lugares, outras cidades. Ficou lá seis anos, estava na miséria mesmo, não tinha nem dinheiro pra comprar sapato, comida também era duro. Foi indo, foi indo, depois de dez anos, ai que deu um pouquinho pra melhorar, sabe. Desse jeito, né. Foi indo, foi indo, melhorou. Depois naquele tempo, meu pai e minha mãe né, eu tinha irmão casado, mas não deixava separar. Separar família, pra morar assim, tem que ser tudo junto, pra ganhar dinheiro logo, pra voltar no Japão. Meu pai quando ele veio do Japão ele trouxe dinheiro. Tinha guardado sabe, ai já que nós não agüentamos fazenda, ele pagou viagem que ele estava devendo. Só trabalhou dois anos né. Então em vez de trabalhar ele já pagou dinheiro. Pagou dinheiro e saiu da fazenda. Depois que entrou na outra fazenda, ai que tinha maleita. Ai que pessoal não teve como viver sabe. Ai que meu pai quis fugir dali. Ai, também já esqueci. Tinha plantado algodão. Patrão disse que não ia dar algodão para meu pai, sabe. Não sei, acho que estava devendo né. Ai meu pai falou assim, desse jeito nós vamos morrer tudo. Vamos fugir daqui. Isso aconteceu muito antigamente. Por que nós vamos deixar algodão pra eles apanharem, eles não vão tomar prejuízo. Tinha bastante algodão branco. Ai meu pai java, deixa, prejuízo patrão não toma. Nós temos que fugir daqui

senão todo mundo vai morrer. Malária, né. Ai que meu pai foi pegar um trator para vir buscar meia noite. Ai tinha meu irmão mais velho, né. Tinha pinga, levou pra guarda lá, deu bastante pinga pra tomar pra dormir o guarda da fazenda. Ai, ele coitadinho né, tomou e dormiu. Não tinha jeito, por causa da doença né. Morreu mesmo viu. Não sei mais, esqueci muita coisa”.

Ainda muito jovem, H. S. começou a ajudar os pais na plantação de verduras e legumes nas fazendas onde trabalhavam. Era mais uma mão-de-obra que ajudaria a família a juntar algum dinheiro e regressar para o país de origem. Nessa situação ela ficou até o momento em que se casou. A partir de então, como dona-de-casa, ela ajudava o marido a aumentar a renda da família com os conhecimentos que havia aprendido ainda na adolescência: o corte e a costura, que forneciam o rendimento extra que precisavam para sobreviver, principalmente nos longos períodos em que o marido passava fora de casa, trabalhando como caminhoneiro. Nesses momentos, era ela a chefe-de-família e provedora.

Assim como a família de H. S., muitas outras fugiram das fazendas onde trabalhavam, na tentativa de escapar do árduo trabalho nas plantações, visto que pouco entendiam desses afazeres, além do problema das doenças que afetavam a população rural. No relato acima, percebemos como a fuga era importante para esse grupo imigrante, entendida como a única forma de sobreviver e prosperar. Ficar nas fazendas seria desistir das ambições de adquirir melhores condições de vida. Dessa forma, se iniciou mais tarde a imigração para Campo Grande. Muitos japoneses chegaram à cidade a fim de trabalharem na construção da Estrada de Ferro Noroeste, como dito anteriormente. Esse trabalho era considerado mais rentável por esse grupo, que buscava o sonho de acumular capital e voltar ao *Nihon*.

Desse modo, os imigrantes nipônicos foram chegando à Cidade Morena. Entretanto, como o estado ainda não havia sido dividido, muitos japoneses, inicialmente, apenas passaram por Campo Grande, em direção ao norte do Mato Grosso.

A senhora H. K. conta sobre a vinda e chegada a essa região:

“Nós fomos para Cuiabá. Quando veio do Japão, desceu em Santos, de Santos até Campo Grande, uma semana de trem, ai depois de Campo Grande foi para Cuiabá, porque segundo imigrante (segunda leva) foi ver terra lá em Cuiabá. Então primeiro imigrante (primeira leva) soltou mais, esparramou. Não quis ir para aquela terra. Então, nosso responsável, para segurar nosso direito, ai não deixou sair. Então, foi obrigado chegar até Cuiabá. Ai foi em Cuiabá, de Cuiabá até esse lugar

de imigrante, era 500 km de Cuiabá para o fundo. Nem sei onde que fica, perto do Amazonas, nem sei. Ai foi lá, demorou uma semana de caminhão de Cuiabá até esse lugar, encima de caminhão. Ai chegou lá, mato, mato, não tinha nem comida. Não tinha nem plantação de mandioca. Tinha só feijão gandú. Gandú, andu, não sei. Ai nós comemos, vivemos com esse feijãozinho. Não tinha nem mandioca, não tinha nem arroz. É terra fraca, ai quando planta arroz não dava. Ai chefe repartiu toda a terra. Agora vai ser fazendeiro. Ai o chefe de casa era meu pai, meu irmão, que eu tinha né. Ai entrou nesse mato, começou a abrir a mata. Abriu com enxadão. Enxadão não, machado. Não tinha nem máquina, não tinha nem carroça. Ai depois eles queimaram. Ai todo mundo começou a ficar doente, fraco, tudo. Ai começou a sair de lá. Então, antigamente, antes de guerra, imigrante antes de guerra sofreu mais. Ai eu vim para Campo Grande, casei. Meu marido é japonês. Veio de lá, de Okinawa também. Casei, japonês, tudo, sogro, sogra, cunhado morando tudo na mesma casa. Junto. Ai depois, teve filhos. Ai quando começou filhos a ter idade de entrar na escola, eu falei: esse ano a gente sai na cidade“.

A vinda até o Estado do Mato Grosso era quase sempre cheia de adversidades. As estradas eram ruins, o que fazia com que a viagem demorasse muito mais do que o esperado. Quando chegavam, encontravam péssimas condições de habitação, além de nenhuma infra-estrutura para se estabelecerem. A alimentação nessas situações também era precária. Os imigrantes tinham que iniciar as plantações em territórios ainda não explorados, precisando abrir as matas para o cultivo de hortaliças e criação de pequenos animais. Foram anos até que houvesse boas condições de vida nessa região ainda em exploração. H. K., assim como grande parte dos imigrantes, trabalhou inicialmente no cultivo de hortaliças. Era o trabalho na roça, sempre desgastante e sofrido. H. K. relatou um dos momentos mais tristes de sua vida: a perda de um filho recém-nascido, causada segundo ela, pelo excesso de trabalho que culminava com a falta de cuidados com as crianças:

“Então, eu perdi o primeiro filho. Morreu com três meses de nascido. Eu trabalhava na roça. E naquele tempo, gente japonesa não pensa em família, pensa só em trabalhar. Ai tinha plantação de tomate. Ai eu não tinha leite, dei mamadeira para neném, coloquei na cama, não deixei arrotar, coloquei na cama e ficava pensando no meu serviço. Agora penso, não pode pensar nisso, não pode fazer isso, eu estou arrependida, porque fiz isso, mas tem marido, tem sogra, tudo. Primeiro é serviço que pensa”.

Após o período na lavoura, H. K. abriu um comércio com o marido na área urbana de Campo

Grande. Ela conta sobre as dificuldades encontradas para comunicar-se com os clientes, visto que mesmo vivendo no Brasil há alguns anos, ainda não havia aprendido o idioma português:

“Abriu comércio. Porque a gente, japonês não sabe trabalhar, não sabe trabalhar na firma, não sabe falar também, né. E não tem estudo daqui também. A gente não estudou aqui. Então não sabe fazer nada. Comércio todo mundo sabe, aí começou a abrir mercearia, começo né. Não sabia nem falar português, mas contar dinheiro a gente sabe. Não falava, porque morava na fazenda, da fazenda veio para cá, aí colocou toda a mercadoria. E agora: freguesa chegou, freguesa falava: eu quero açúcar. E eu, e agora, o que é açúcar? E eu falava tudo, é esse, esse, esse? Até chegar no açúcar. Ai aprendi: ah, esse aqui é açúcar! Ai dinheiro troco, já sabe dar troco, né. As crianças eram pequenas, estudavam ainda, então só eu e marido. Meus irmãos foram para São Paulo. Irmãos, família, foi tudo para São Paulo. Aqui eu fiquei sozinha”.

Atualmente H. K. leciona em casa aulas de *nibongo* para futuros *dekasseguis*. Sua família também é proprietária de uma farmácia que fica no salão de baixo de sua casa.

Assim como H. K. outra imigrante expõe as dificuldades encontradas na chegada e no trabalho a ser desenvolvido:

“Quando veio pra cá tinha 20 anos. Eu tinha 20 anos, né. Minha irmã já estava casada, vieram dois filhos juntos. Ai minha mãe disse assim, família pra mandar longe, você não quer ir junto para Brasil? Então, parecia que vinha aqui passear sabe. Não sentia nada. Eu vou. Eu vou junto. Ai minha mãe: ‘você vai junto com família de irmã’. Quarenta dias no navio, conheceu marido. Ai que conheceu meu marido. Ele tinha família grande, três homens, uma irmã casada, e pai e mãe junto. Quarenta dias junto, né. Conversamos, assim conheceu. Chegou em Santos, acho que 13 de julho. Ai pegamos trem que vem para cá, maria-fumaça. Gastou 15 dias. Só tinha pão duro com guaraná. Quem deu, eu não sei, mas deram para nós, imin (imigrante), né. Chegou em Campo Grande, todo mundo suado. Eles falavam para quem tem roupa bonita, usar roupa bonita para descer em Campo Grande. Em Campo Grande, pessoal de Okinawa já estava tudo recebendo, né. Homem tudo de paletó, gravata, mas tudo sujo. Ai, bandeira do Japão, né. Ai desceu, ficou todo mundo bem alegre. Ai ia pra Capem, mato, ninguém sabia onde ficava, tinha onça, né. Ai não tinha comida também, não pode ir, pessoal antigo falou. Ai ficou assim, vai ou não vai. Ai quem tinha mulher, filho, ficou aqui. Ai, minha família, minha irmã, cunhado que foi. Eu falei, eu vou junto. Tinha 20 anos, não sabia nada, eu só vou junto. Ai foi até Cáceres. Aquela época estava bem frio, caminhão não tinha nada. Dois caminhões foram. Chegou em Cuiabá. Depois de cinco dias chegamos em

Cuiabá. Pessoal de Cuiabá estava esperando também. *Aí depois de Cuiabá, Capem. Gastou três dias. Não tem estrada. Na noite que dormi no mato, tinha mosquito. Bem miudinho, calça comprida estava usando, mas encheu tudo dentro. Aí motorista do caminhão trouxe cocô de vaca e pôs fogo pra espantar. Chegamos lá não tinha nada. Tinha que plantar tudo. Terra bem areia sabe. Aí, pra ir embora não tem, tem que pegar o mesmo caminhão pra ir embora. Aí eu e não sei quantas pessoas, voltamos nesse caminhão. Aí voltei para Campo Grande. Aí ele pediu pra casar, né. Não tem nada namoro, né. Só conheceu assim. Aí e pensei, minha vida, não tem dinheiro para voltar para o Japão, irmão junto não dá, né. Irmã também tem família, tem que comer. Aí eu falei pra irmã que eu tenho que casar. Depois de casar, fomos pra Cáceres outra vez. Cáceres é terra boa. Muito bom. Três quatro famílias foram juntas. Também não tinha estrada. Era tudo mato. Fui pra lá, plantação de arroz, bem alto, mas alto que o nosso. Fez uma casa comprida, para cinco famílias. Moravam todos juntos, em quartinhos. Tinha cinco rapazes solteiros. Cinco famílias todas unidas, pouquinho coisa separava. Plantação era tudo junto e repartido. Meu marido sabia caçar. Então, domingo, de dia plantava, cortava capim, domingo descansava e saía para o mato caçar passarinho. Para fazer sopa. Comia todo mundo junto. Brasileiro, gaijin também comia, mas não junto de nós. Era capataz. Essa pessoa caçava anta, esse gaijin pegava só o couro. Aí nós pedimos pra pegar a carne, ele falou, pode pegar a carne. Nós não sabíamos, trouxe bastante carne na bacia. Aí quando olhou estava cheio de bicho. Tinha um fazendeiro italiano há 30 km, lá tinha bastante couve, galinha. Era estrada para Bolívia. Então lá passava caminhão. Então os homens iam buscar comida. De manhã saía e de noite voltava. Com arroz, sal, macarrão, essas coisas. E trouxe duas galinhas. A primeira nasceu ovo, mas não podia comer. Para criar. Depois repartiu, nasceu mais pintinho, mas não podia comer nenhum ovo. Aí eu grávida, de sete meses, tive que voltar para Campo Grande, minha sogra tinha plantação de verdura. Eu ganhei minha filha um ano depois (de chegar em Campo Grande). Trabalhávamos juntos com verdura. Depois separamos da família. Meu sogro, meu cunhado, todos foram embora para o Estado de São Paulo, Araraquara. Araraquara tinha tio dele, fazendeiro imigrante, aí chamou, né. Aí a gente começou a trabalhar com verdura. Fazer plantação de verdura. Eu vendia com carroça. Naquela época precisava de carteira de carroça, 1970. Precisava de carteira de carroça. Aí eu peguei carteira de carroça. Aí comecei a vender verdura. Plantar e vender na feira. Três horas da madrugada eu sozinha, deixava filhos com marido, e eu ia para feira vender verduras. Começou assim. Mas só assim não dá. Aí começou a tentar granja. Aí ele pensou, vou fazer granja. Em São Paulo tinha bastante granja. Mandou carta, meu marido não sabe falar nada, não sabia falar*

nada em português. Para comprar pintinho. Aí ele gastou uma semana, foi lá buscar pintinho. Trouxe trezentos pintinhos. A casa era de madeira. Então a sala, fechamos tudo com cobertor. Deixava tudo aqui em casa, para não entrar vento. A noite inteira acordávamos para cuidar pintinho também. Ele fez tudo sozinho, a casa dos pintinhos. Na rua treze (13 de maio) antigamente era tudo fábrica de arroz. Aquela rua treze, agora tem um monte de Igrejas, mas antigamente tinha um monte de fábrica de arroz de japonês. Uma ou duas ainda têm. Comprava, fazia tudo separado. Pensamento dele (marido), né, e dava para os pintinhos. Levava água no galão de querosene, e assim fez granja. Andava de fazenda em fazenda comprando frango, matava e vendia limpo. Aí a primeira vez que vendeu galinha limpa. Aquela galinha que tira tudo, eu vendia lá na feira. No Japão eu não sei se já tinha, mas em Campo Grande, o primeiro foi ele que fez. Em 1972 eu fui levar à feira para vender, mas ninguém comprava, só japonês mesmo, de Okinawa, mas só isso também não dava para viver. Aí queria mudar para açougue. Mas para mudar para açougue é difícil. Meu marido nunca tinha cortado carne. Foi a primeira vez. Então açougueiro era assim bom, mas arrumou açougueiro. No mercadão (Mercado Municipal de Campo Grande) mesmo. Box 02. Num mês, vendia toda a carne, faltavam vinte reais. Carne de primeira, carne de segunda vendia tudo igual. Começou assim, né. Aí depois ele aprendeu um pouco, aí começou a ganhar dinheiro. Vendia para restaurante, bar, tudo assim. Quando começou a falar, aí que começou a vender. Depois que aprendeu, depois de meio ano, vendia bem carne. Aí que começou a ganhar dinheiro. Tinha bastante açougueiro. Japonês tinha um, só que lá não era carne mesmo era mais porco. Açougue mesmo era só meu marido. você não é açougueiro não (falavam os amigos), porque açougueiro é bem bandido, tudo brasileiro que vai ser açougueiro. Eles falavam, não pode fazer açougueiro não. Falavam assim. Mas precisava né. Tinha que fazer mesmo assim. Começou a vender, tinha açougue no mercadão, primeiro foi ele. Ele vendia três vacas por dia”.

Donna S. G. conta que não gostavam de seu marido, por ele vender muito. Então ele dizia que, se quissem brigar, que viessem:

“Quer brigar, pode brigar. Eu também tenho. Aí ele cobrava peça por peça. Alcatra, uma peça, contrafilé, uma peça. Aí começou a comprar máquina, máquina de moer, ele que comprou. Arrumou, moía para entregar para bar. Depois que ele comprou, aí pessoal comprou. Aí quando ficou, assim, não rico, mas que já dava para arrumar, aí mudou para cidade. Até lá morávamos no Cascudo. Sempre lá. Aí mudamos pra cá. Aqui mesmo (em sua atual casa). Alugamos, mas não tinha nada, não tinha fogão, não tinha nada. Fogão era só de boca, não tinha forma (forno), não. Não tinha nem cama, não tinha nada, não. Dormia junto com criança, tudo junto. Nossa casa eram duas famílias. Nossa e outra

família brasileira. Aí comprou carro. Primeiro carro que comprou foi ximbica. Depois da ximbica comprou jipe. Depois do jipe é que mudou pra cá. Começou açougue a ganhar dinheiro, aí começou a entrar no clube, dançar. No Nipo, porque o Okinawa (clube) não tinha ainda, era tudo junto. Depois separou Nipo com Okinawa, né. Teve inauguração aqui, aí meu marido entrou aqui. Aí eu dançava”.

Essa é a história de S. G. Em seu discurso, a imigrante conta sobre todo o percurso percorrido para enfim, se estabelecer em Campo Grande com o marido que conheceu na viagem para esse país. Em sua fala percebemos o desconhecimento dos japoneses sobre as reais condições que encontrariam no Brasil. As “idas e vindas” seguidas, bem como a descrição da chegada a diversos locais desconhecidos e inóspitos. Assim como explicitado na fala anterior, o Sr. Y. expõe sua chegada e, especialmente à forma como foi recebido pelos imigrantes que aqui já se encontravam. Ele cita a recepção dos membros da Associação Okinawa aos novos companheiros. Em nossa conversa, foi possível perceber que a presença dos japoneses no momento de chegada era vista como um elemento acolhedor a quem aportava. S. G. descreve toda a história da família, todos os trabalhos desenvolvidos por ela e seu marido. É possível notar que quando o assunto é trabalho, sua fala está sempre voltada para o marido, visto como o provedor da casa. Porém, sua ajuda foi essencial em todos os momentos, sendo ela quem fazia a ponte entre seu marido e os ocidentais. Era ela – e ainda é – quem vendia todos os produtos comercializados (animais, carnes). Atualmente S. G. e seu marido produzem *tofu* e o comercializam para outros comércios da cidade (supermercados e feirantes), que revendem seu produto. Novamente é ela quem oferece e leva esse alimento aos diversos locais da cidade. Percebemos como as mulheres japonesas se vêem presas ao espaço privado, da casa e da família, enquanto os homens são vistos como pessoas do espaço público, mesmo quando o que ocorre é o oposto.

Outros tipos de trabalhos também foram desenvolvidos por alguns imigrantes. Sr. Y., por exemplo, ao chegar em Campo Grande, como a maioria, foi trabalhar na lavoura em uma chácara afastada da cidade. Ficou por lá aproximadamente dez anos, tempo suficiente para casar com uma *nissei* e ter seus três filhos. Como não havia possibilidade de educação para as crianças ali, muda-se com a família para a área urbana da capital. Trabalha então como taxista por mais dez anos, quando resolve abrir seu próprio comércio. Com a ajuda dos filhos

mantém uma pequena mercearia, porém, com o plano cruzado não consegue manter o negócio. Nesse momento (começo da década de 90) há o movimento *dekasegui* e ele resolve voltar ao Japão para juntar um dinheiro. Fica por lá seis anos e volta para Campo Grande. Atualmente trabalha na secretaria da Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira. Já o Sr. H. O. dedica-se ao artesanato, cortando madeiras para a fabricação dos *taiko*, instrumento musical originário de *Okinawa*. Sua grande tristeza, segundo ele, é não haver interessados em aprender sobre a confecção desses artigos musicais. Assim, seu medo é de que o conhecimento sobre esses produtos se perca com o passar do tempo. Entre esses entrevistados, há ainda o Sr. J. F., filho de imigrantes japoneses, mas nascido no Brasil, que trabalhou na roça com a família, até voltar para *Okinawa*, onde ficou por quase vinte anos. Ao regressar para o Brasil dedicou-se ao ensino do *nihongo* para alunos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e do Clube Okinawa.

3.2 O DESEJO DE RETORNO

Vai passar dez anos no Brasil, vai ganhar dinheiro, vai voltar com dinheiro, conseguir vida lá.

Como dito anteriormente, havia o desejo de retorno ao Japão após o acúmulo de uma quantia de dinheiro que possibilitasse a esses imigrantes uma vida melhor naquele país.

Com o passar do tempo, o retorno se torna algo mais difícil de ser alcançado. Desse modo, os imigrantes foram criando laços com o país e as cidades que os abrigaram. H. K. retrata a tristeza que ocorria no Japão com a vindo de parte de sua população para o Brasil:

”Então a gente veio aqui, e totalmente diferente. Não é assim né. Maioria, a gente fica assim, sentida, de antes da guerra. Tem criança, nenenzinho que deixou com avó. Porque deixa com avó? Porque gente vai ao Brasil, com dez anos vai voltar. Vai voltar rico. Então deixa na terra, deixa com avó no Japão. Deixa lá, dá estudo de lá. Por isso que deixa criança lá. Aí veio para cá e não é fácil. Depois de 30, 40 anos, maioria assim, sonhando em morrer na terra natal. Voltar para terra natal, quer morrer na terra natal, mas não conseguin. Tudo, todo imigrante pensava. Mas imigrante antes de guerra que sofreu mais. Não sabe falar nada, e deixou criança lá. Aí essa criança sofreu lá. Eles pensavam: meu pai me abandonou. Criança, sentindo assim, pensando. Mas aqui, está com saudade do filho, mas não tem jeito de trazer e não tem jeito de voltar. Sofrimento, né”.

Esse sonho da volta vai se tornando mais distante, e hoje, muitos se quer cogitam voltar ao Japão. Ainda segundo H. K., suas considerações sobre regressar são as seguintes:

“Para voltar para morar não. Aqui no Brasil é o paraíso. Brasil tem toda a sujeira que tem no mundo. Político, sujeira, ladrão, aqui o sentimento humano. Coração brasileiro é humano. A gente vai para passear, para morar não. Faz quatro anos que eu fui. Antes também fui, mas senti muita diferença daquele tempo. Aqui ainda era obedecer a marido, lá não é assim mais. Se não trabalhar não dá pra comer. Aqui com 60 anos não precisa trabalhar. Dá para levar. Lá não dá para fazer isso. Por isso que eu acho que aqui no Brasil é melhor”.

S. G. conta sobre seus pensamentos ao embarcar para o Brasil e plano de voltar ao Japão que nunca se concretizou:

“Meu pensamento era que eu ia voltar. Eu falei, vou ficar dez anos no Brasil e voltar. Irmã ainda falou, vamos fazer maquiagem, e eu disse: eu não. Eu não quero fazer maquiagem não. Meu marido eu ainda não conhecia. Eu não tinha nada, pensava que vinha só passear. Hora que subi no navio, eu nem chorei. Todo mundo chorou, chorou. Ai, meu pensamento eu queria ficar, não queria mais ir embora. Eu queria fugir né”.

Atualmente não tem mais o desejo de voltar, pois o Japão mudou muito e a vida lá ficou muito difícil. Em outra conversa ela diz também que os japoneses mais tradicionais estão no Brasil, e que o país oriental não é mais como antigamente, está tudo moderno. Outro motivo apontado pela entrevistada que explica seu desejo de permanecer em Campo Grande são as transformações que o Japão tem sofrido há anos. Segundo ela, o Japão está mais mudado do que os imigrantes japoneses no Brasil. Ela diz que já foi passear três vezes, mas morar não quer mais, porque lá já mudou muito. Em sua opinião, é preciso ter muito dinheiro para viver naquele país. E os *dekasseguis* que vão trabalhar, acabam se acostumando com a vida e os hábitos de lá e não voltam para o Brasil. Ela diz ainda que mantém contato com sua família no Japão. Inclusive sua irmã, a quem acompanhou na vinda para o Brasil, voltou ao Japão como *dekassegui*. Sua irmã acabou retornando junto com toda a sua família, comprando imóveis ali se estabelecendo.

Essa modernidade e grande mudança de hábitos na vida dos japoneses no *Nihon* é muito citada por grande parte dos imigrantes que se encontram em Campo Grande. Para essa população, é como se os imigrantes no Brasil tivessem “parado no tempo”, mantendo as tradições e hábitos de quando iniciaram suas jornadas na imigração. Assim,

todas as tradições, costumes e cultura dos japoneses nesse país, parecem ser mais puros do que em seu lugar de origem.

A fala de M. T. demonstra essa diferenciação que ocorre nos costumes de japoneses nos dois países:

“A minha mãe foi conhecer a minha tia, irmã dela, há cinco anos. A tia ficou no Japão, em Okinawa, e a minha mãe nasceu aqui. Foram se encontrar só depois de sessenta anos. Ela chegando ao Japão, conversando com minha tia, usando um dialeto okinawano que ela aprendeu da minha avó. E ela se comunicando, a minha tia diz que ria, porque diz que era tão bonito ouvir aquele dialeto que eles não ouviam mais lá. Então dá o exemplo de que fica aqui, né. A colônia ficou aqui e o Japão foi se perdendo”.

Desse modo, assim como a colônia japonesa em Campo Grande parece ser mais próximas às tradições nipônicas mais antigas, o sonho de retorno acaba ficando cada vez mais distante. Apesar desse desejo de regressar ao Japão ter existido inicialmente, alguns entrevistados deixaram claro que sua vida agora é no Brasil, principalmente no período de pós-guerra, quando o Japão havia sido praticamente destruído e não havia possibilidade de melhores condições de vida na terra natal. O motivo de alguns, era o fato de ter nascido no Brasil, outros desejaram fixar-se definitivamente aqui por terem construído suas famílias, visto que em muitos casos, os casamentos eram realizados entre gerações diferentes de imigrantes e descendentes. Há também a falta de laços consanguíneos com parentes como motivo para não retornar ao Japão. Muitos não têm mais familiares (tios, primos, etc.) vivendo naquele país. Isso torna o Brasil, o lugar definitivo de várias famílias. Segundo o Sr. Y. ao visitar *Okinawa* na década de 1980, sentiu-se ali um verdadeiro estranho. Seus parentes e amigos já haviam morrido, e quem ainda estava vivo, via nele um outro indivíduo, agora ocidentalizado, diferente do que era antes da imigração. No período em que viveu como *dekassegui*, procurava sempre por amigos brasileiros, pois eram esses os que mais se pareciam com ele, além do fato de ser visto como “coitado” pelos outros japoneses, visto que necessitou voltar como trabalhador estrangeiro em seu próprio país. Segundo ele, os *dekasseguis* eram vistos como miseráveis.

Percebe-se que alguns, chegaram a voltar ao *Nihon* como *dekasseguis*, porém, após um período nesse país, voltaram ao Brasil e deram continuidade à suas vidas, pois para esses migrantes, há mais

facilidades em manter um certo padrão de vida aqui, do que no Japão, que possui um alto custo de vida.

Em Campo Grande, milhares de famílias possuem pelo menos um membro no Japão, como *dekasseguis*. São filhos e netos, que retornam ao país de seus pais e avós buscando o que seus antepassados queriam no Brasil: melhores condições sócio-econômicas para suas famílias.

Os filhos de H. K. estão no Japão. Segundo ela,

“foram para trabalhar, porque aqui, você sabe que não dá, na dá dinheiro. Para viver no Japão, é muito rigoroso, trabalha igual escravo. Quem trabalha lá, chama dekassegui, a maioria volta doente, com depressão. Ai chega aqui e não sabe utilizar esse dinheiro. Gasta tudo á toa, ou acontece desastre. Esse menino (um dos filhos) faz dez anos que vai e volta, vai e volta. Tem filha que faz um ano e pouco que está pra lá”.

Algumas de suas netas também estiveram no Japão. Foram com os pais quando eram ainda crianças. Em sua estadia naquele país, pouco se adaptaram, reclamavam aos pais sobre as dificuldades encontradas na escola. Uma de suas netas chegou a engravidar e ter seu filho no Japão, mas logo depois voltou ao Brasil, onde cria o mais novo integrante da família.

Segundo o atual Presidente da Associação Esportiva e Cultural Nipo-Brasileira, a presença dos imigrantes e descendentes de japoneses campo-grandenses no Japão como *dekasseguis*, traz problemas tanto para as famílias, principalmente crianças que freqüentemente ficam sem um dos pais (algumas vezes os dois pais vão ao Japão trabalhar, e assim são criados por parentes, como avós), como para a Associação, que vem sofrendo a cada ano com a diminuição de membros ativos:

“Aqui em Campo Grande ainda tem muita gente lá. Tem muita gente e isso é um problema muito sério que a gente tem enfrentado. Isso dá problemas familiares, dos mais graves. Separa famílias, filhos crescendo sem a presença de um dos pais, ou dos pais. Criados pelos avós. Isso dá um problema muito sério, problema social que a gente já enfrenta na Associação. Os diretores são os mesmos que eram há vinte anos. Não tem uma renovação, porque essa faixa dos jovens dos 18 aos 30 anos de idade, é a mão-de-obra que está no Japão. E seria essa mão-de-obra que estaria sendo formada pela Associação e iria passando para eles. Ou você tem muitos jovens, crianças, ou mais idosos. Em Campo Grande tem um número muito grande de famílias que têm um, dois, três familiares próximos no Japão. Ainda é muito grande. Se Deus quiser vamos acabar com isso aí”.

A busca por soluções para esse problema, fez com que a Associação tomasse a seguinte medida:

“Nós temos aqui um departamento, que é o Departamento Dekassegui que é junto com o SEBRAE. Nós estamos fazendo palestras aqui na Associação, várias reuniões, para dar o apoio ao pessoal que vai, para orientar o pessoal que já está lá, e preparando o pessoal para voltar”.

A união entre o Clube Nipo e Sebrae, tem portanto, o intuito de minimizar os problemas conseqüentes de descendentes de japoneses dekasseguis, visto que claramente, quando essas pessoas retornam ao Brasil, conseguem pouco êxito na aplicação do dinheiro que acumularam. A pouca prática em negócios comumente resulta no gasto desse montante sem nenhum retorno, o que leva à necessidade de mais tempo trabalhando como dekasseguis. Forma-se assim, um círculo vicioso, que muitas vezes resulta na incapacidade de adaptar-se novamente no modelo ocidental, devido ao tempo que viveram – e vivem – no Japão.

Entretanto, apesar da grande quantidade de pessoas que se dirigem ao Nihon exclusivamente para trabalhar, há ainda japoneses e descendentes que rumam ao país oriental para visitar e até mesmo conhecer familiares que ficaram naquele país. O casal H. O e R. O conta como foi uma de suas visitas á terra do sol nascente e suas impressões dos japoneses e do lugar:

“Lá no Japão, eu fui em 1988. Como eles bebem, mas não bebem puro assim não, ele põe dois dedos daquela pinga deles e misturam com água. E ficam bêbados, bêbados. Ficam a noite inteira. Porque é gente do Brasil, amigo, vão lá, ficam conversando e bebendo. Quando é daqui a pouco eles não agüentam mais levantar para ir embora, ai eles têm que chamar a mulher. A mulher que vem de casa buscar o marido. E lá não entra com sapato. Todo sapato fica ali fora, mas não fica na chuva, tem sempre uma entrada para proteger o sapato das visitas que entram. Vai com um pé de um e o pé de outro colega, de fogo. Ai no outro dia cedo: vim buscar meu sapato, porque um é meu, outro não. Nós ficamos dois meses passeando. Nós fomos para Okinawa, porque ele nasceu lá. Ele nasceu em Osaka, mas foi criado em Okinawa. Agora eu não. Eu nasci no Brasil e fui para passear, ver meu pessoal. E ele também foi ver o pessoal dele. Eu fui conhecer meu sobrinho, que eu nunca tinha visto, nem a minha irmã. Eu não conhecia minha irmã, mas aí conheci meu sobrinho”.

O jovem J. H. conta como foi conhecer os avós:

“Foi quando eu fui para lá. A primeira vez que fui eu tinha, foi em 1994. Eles nunca vieram para cá. Fui visitar só. Fui duas vezes. Em 1994 e 2000. É outra

cultura. Andei o Japão inteiro. Fui em Tóquio, Hiroshima, Nagoya. Nossa, a gente estava caminhando e eu lembro que era bem no horário de pico. Seis, sete horas. Era cheio”.

Ao contrário do que os mais velhos pensam sobre o Japão, J. H. acredita que a cultura japonesa é mais interessante e tradicional do que a encontrada no Brasil. Ele sua família como parâmetro:

“É interessante porque é outro mundo. É totalmente outra cultura. Não é a nossa cultura japonesa-brasileira. Pelo menos da parte da minha família são, entendem? Tipo, os irmãos da minha mãe, a maioria tirando a minha mãe que mora aqui, a maioria mora perto da casa do meu avô. Vão lá. Visitam-no”.

Nota-se que apesar de não retornarem definitivamente ao Japão, alguns imigrantes visitam freqüentemente o país oriental. O Sr. J. F. é um dos descendentes de japoneses que visitam freqüentemente parentes e amigos na terra de seus pais. Ela relata que adora ir visitar os diversos amigos que lá moram, e que, quando está aqui, seu coração está do outro lado do mundo. Porém, o mesmo ocorre quando está em um desses períodos de visita. Nessas épocas, fica sonhando em voltar para o Brasil, pois aqui a vida é muito agradável. Segundo ele, até a vegetação e clima de Campo Grande o lembram *Okinawa*.

Com base nas entrevistas e observações realizadas no período de realização deste trabalho, fica claro que, passados quase cem anos de imigração japonesa para o Brasil, esse grupo de certa forma, encontrou aqui a estabilidade que buscavam quando deixaram seu país de origem. Após estabelecerem famílias, trabalhos e negócios que lhes trouxe estabilidade financeira, o Brasil se tornou seu lar e “porto-seguro”, fazendo com que os plano de regressarem ao Japão fosse guardado junto das lembranças que possuem do país.

Desse modo, é imprescindível compreender um dos principais motivos que fizeram com que esse grupo aqui se fixasse definitivamente: a família nipo-brasileira. Como ela se formou, quais as mudanças que ocorreram nesse período de quase um século, qual a sua composição na situação de imigrantes, e ainda, qual a importância das mulheres orientais na manutenção do núcleo familiar e na

transmissão dos costumes, hábitos e cultura nipônica na situação de migrantes.

REFERÊNCIAS

- Associação Esportiva da Colônia Japonesa em Campo Grande. **AYUMI**. A Saga da Colônia Japonesa em Campo Grande. Campo Grande: SABER Editora, 2005.
- CARDOSO, R. C. L. **Estrutura Familiar e Mobilidade Social**. Estudo sobre os Japoneses no Estado de São Paulo. São Paulo: 1972
- EISENSTADT, S. N. **De geração a Geração**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ENNES, M. A. **A Construção de uma Identidade Inacabada**. Nipo-Brasileiros no Interior do estado de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- GLENN, E. N. **Issei, Nisei, War Bride**: Three Generations of Japanese American Woman in Domestic Service. Philadelphia: Temple University Press, 1986.
- HANDA, T. **O Imigrante Japonês**. História de sua vida no Brasil. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, Centro de Estudos Nipo-Brasileiros. 1987.
- KOSMINSKY, E. V. Questões de Gênero em Estudos Comparativos de Imigração: Mulheres Judias em São Paulo e em Nova York. **Cadernos Pagu**. Campinas: n. 23, p. 279-328, jul./dez. 2004.
- LEÃO, V. C. **A Crise da Imigração Japonesa no Brasil (1930-1934)**: Contornos Diplomáticos. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1990.
- LEITE, I. L. **Gênero, Família e Representação Social da Velhice**. Londrina: Eduel, 2004.
- LESSER, J. **A Negociação da Identidade Nacional**: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- OLIVEIRA, R. C. de. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, 1976.
- ORTIZ, Renato. **O Próximo e o Distante**: Japão e Modernidade – Mundo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- 3.
- POUTIGNAT, P., STREIFF-FENART, J. **Teorias da Etnicidade**: Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras, de Fredrick Barth. São Paulo: UNESP, 1998.
- QUEIROZ, M. I. P. de. Relatos Oraís: Do “Indizível” ao “Dizível”. In: VON SIMSON, O. de

M. (Org.). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália – Brasil). São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988, p. 14 – 43.

_____. **Variações sobre a Técnica de Gravador no Registro da Informação Viva**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991.

Okinawa Tourism & Cultural Affairs Bureau. Cultural Promotion Division. **RyuKyuan Cuisine**. Okinawa: Japan. First edition, 1995.

SAKURAI, C. **Romanceiro da Imigração Japonesa**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1993. (Série Imigração; v. 4)

SAITO, H. **O Japonês no Brasil**: Estudo de Mobilidade e Fixação. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 1961.

_____. **Assimilação e Integração dos Japoneses no Brasil**. São Paulo: Vozes, 1973.

_____. (org.). **A presença japonesa no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

SAYAD, A. **A Imigração**. Ou os Paradoxos da Alteridade. São Paulo: Edusp, 1998.

SORJ, B; HEILBORN, M. L. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, S. (Org.) **O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré: ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999.

The International Society for Educational Information, Inc. **O Japão de Hoje**, Japan Echo Inc, 1990.

VIEIRA, F. I. S. **O Japonês na Frente de Expansão Paulista**. O Processo de Absorção do Japonês em Marília. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1973.

WOORTMANN, E. F. Japoneses no Brasil/Brasileiros no Japão: Tradição e Modernidade. **Série Antropologia**. Brasília: 183, p. 01 – 20, 1995.

*Mestranda do Programa de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista – Marília. Orientadora: Profª Drª Ethel Volfzon Kosminky.